

Anne Sophie Tandonnet, 11483017
Felipe Teodoro, 9514681
Isadora Queiroz, 8031757
Jenifer Maschietto, 10754827
Mariana Domingues, 10754869
Maria Tabacchi, 11437441

LES237 – ESALQ/USP 2019
T3: A Realidade da Cultura
Regis de Moraes

Autor de mais de quarenta livros, o mineiro Regis Moraes iniciou sua carreira se licenciando em Filosofia e Ciências Sociais, realizando posteriormente mestrado e doutorado em Filosofia Social e em Educação, respectivamente. O texto discutido aqui é um excerto de seu livro sobre a filosofia da cultura (MORAES, 1992), obra desenvolvida a partir de seus cursos de pós-graduação na Unicamp.

O autor inicialmente define cultura com apoio do antropólogo C. Kluckhohn (1963). Em suma, logo após seu nascimento, uma pessoa recebe de um conjunto de outras pessoas que a cercam costumes, linguagem e valores. Tais elementos compõem a cultura desse indivíduo, que, segundo Kluckhohn, é uma espécie de “herança social”, com a qual será possível “encontrar soluções prontas para problemas [...], prever comportamentos dos outros, permitindo que os outros saibam o que esperar de nós, além de”.

No entanto, a herança social não será mantida do mesmo formato que foi transmitida. Segundo Moraes, “o homem é pai de suas obras e, ao mesmo tempo, é filho delas”. Assim, a cultura não é objeto imutável de orientação da vida humana, visto que o ser cultural é sempre fruto da dialética da “liberdade” (agente) e o “condicionamento” (paciente).

Por outro lado, a cultura não deve ser vista como uma soma de pensamentos e ações individuais. Na verdade, trata-se da “obra” construída pela integração dos indivíduos.

Em razão de sua inteligência, o ser humano com sua criatividade promove continuamente a transformação da cultura. Mesmo que as ações e pensamentos individuais sejam importantes para a cultura, esta última não apresenta marcas do indivíduo, tal como propõe Francisco Romero (1950). Este autor sugere a ideia de “conjunturas históricas” para caracterizar o caráter unitário, por exemplo, da “arte egípcia”. Quer dizer, apesar das peculiaridades de cada artista do Egito antigo, é a herança coletiva de vários autores que permite identificar a expressão artística egípcia deste período. Trata-se de uma combinação de pensamentos e experiências distintas que, de forma articulada, constrói a cultura.

Ao longo dos anos, a cultura conheceu diversos significados. No mundo antigo, entre os romanos, esteve associada à aquisição de conhecimento ou ao aperfeiçoamento do idioma. Até o século XIX, é possível considerar que uma conceituação clássica pautou sua definição, tal como sugere Thompson (1999). Trata-se do desenvolvimento das faculdades humanas restrito a uma parcela muito reduzida da sociedade. Com a antropologia, todos os seres humanos passam a ser considerados como portadores de cultura. O primeiro conceito científico neste âmbito por ser atribuído a Edward B. Tylor, para quem cultura “é aquele todo

complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes, assim como todas as capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Nesta evolução, emerge a filosofia da cultura, que tem interesse na cultura refletida, ou seja, voltada à análise e avaliação do “grau de consciência de si”.

Em sua análise, Regis de Moraes compara seres geneticamente especializados para a vida social, utilizando-se do exemplo das abelhas¹, cuja sociabilidade está incutida em seu código genético, implicando em comportamento social repetitivo e instintivo. A sociabilidade do ser humano é distinta, pois, como assinala Regis de Moraes “o homem é um ser originalmente desdotado de especialização genética para a vida social”. Assim, os seres humanos dependem da aprendizagem da cultura para se integrar plenamente a seu meio social. A propósito, o caso de Kaspar Hauser² que cresceu isolado de outros indivíduos e não teve a oportunidade de aprender nem observar comportamentos humanos, ilustra muito bem esta dependência da interação humana para a vida social. Este indivíduo, quando liberto de seu cativeiro na adolescência, não conseguia falar e nem mesmo andar de forma ereta.

Com sua inteligência, permitindo aprender e transformar, o ser humano foi capaz de se disseminar por praticamente todo o globo, derrubando barreiras impostas pelas adversidades ambientais. Sua criatividade e inteligência, desenvolvidas graças a uma evolução biológica particular, permite compensar a quase completa ausência de instintos de sobrevivência. Assim, sua capacidade cognitiva permite a transformação dos ambientes para suprir suas necessidades vitais.

Portanto, a vida sociocultural humana não é repetitiva, como aquela dos animais irracionais. Assim, a cultura é uma peça chave para que o homem alcance a “plenificação humana”. Ou seja, todo homem nasce como um animal simbólico dotado de um potencial para humanidade, ou possibilidade para a plenificação humana, que é alcançada com a incorporação pelo indivíduo de uma cultura e linguagem, que lhe oferecem os elementos para a criação e para a transformação. Assim, a plenitude humana está intimamente relacionada à criatividade e à inteligência, que permitem aos homens por exemplo contar histórias, o que é essencialmente humano. Aliás, o ambiente do ser humano é marcado por “ficções”, criadas por ele próprio, como no caso de empresas ou outras organizações. Trata-se de uma forma de alterar sua realidade a partir de sua capacidade de invenção.

Referências

KLUCKHOHN, Clyde (1963), *Antropologia: um espelho para o homem*, Belo Horizonte: Editora Itatiaia.

MORAES, Regis (1992), *Estudos de filosofia da cultura*, São Paulo: Edições Loyola.

¹ Convém considerar com cuidado este exemplo, pois a maioria das cerca de vinte mil espécies de abelhas vive isolada, não formando colônias com rainha, guerreiras e operárias. Provavelmente, o autor tinha em mente uma espécie de abelha específica muito conhecida, aquela europeia (*Apis mellifera*).

² Sua história foi representada por Herzog em 1974, no filme “The Enigma of Kaspar Hauser”. A criança Kaspar Hauser fora deixada em cativeiro ainda muito jovem por motivos desconhecidos e se alimentava graças a um homem misterioso. Devido ao isolamento, não desenvolveu habilidades básicas para o convívio social.

ROMERO, Francisco (1950), *El hombre y la cultura*, Buenos Aires: Espasa-Calpe S.A.

THOMPSON, John (1995), *Ideología e cultura moderna*, Petrópolis: Editora Vozes.